

IX FÓRUM BIENAL DE PESQUISA EM ARTE
+ ENCONTRO REGIONAL DA ANPAP
+ JORNADA ARTE EDUCAÇÃO DO PROF-ARTES

**BELÉM
PARÁ
AMAZÔNIA**

FLORESTA SONORA, POR UMA EDUCAÇÃO ESTÉTICA DO OLHAR: À LUZ DE MIGUEL CHIKAOKA

Carolina M. M. Venturini PASSOS¹
UFPA/UNAMA
Nilson Damasceno²
UFPA
Ronney Alano³
IFPA

Introdução:

O termo imagem vem da expressão latina *imago*, que significa figura, sombra, ou imitação; segundo o dicionário de língua Portuguesa Aurélio, qualquer representação gráfica, plástica, ou fotográfica, de uma pessoa ou objeto, uma representação exata ou análoga de um ser ou coisa. Verbais, não-verbais, imaginárias, ou mediadas, as imagens acompanham a evolução humana ao longo dos tempos, destacando-se cada vez mais em suma importância no contexto histórico, social, econômico, político e cultural. Não obstante, as imagens tenham sido a grande luz ao surgimento de uma linguagem, e por tal, sua trajetória, se conflua com a história da arte e da humanidade.

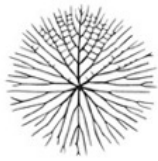
Assim, como a luz que se propaga em linha reta de um ponto ao outro, as imagens levam-nos a perpassar levemente pelos caminhos da percepção estética demarcando a importância da luz não só nos processos artísticos como em técnicas, e nas formas de representação. Há precedentes na história da estética ou da filosofia da arte que, desde a metáfora do “mito da caverna” criada pelo filósofo grego Platão à luz do conhecimento, e da sensibilidade da “criação divina” ao “intelecto divino” definidos por Aristóteles entre ato e potência, se pensa e repensa o estatuto da imagem/imitação no campo das artes e do conhecimento.

A partir da era da imagem técnica, a partir da reprodutibilidade das obras de arte, e da invenção da fotografia, e, de certo modo, na esteira de Nietzsche, que por sua vez pretendeu fundar a estética em bases intuitivas em oposição ao primado da razão socrático-platônica, os pensamentos circundam as relações e interações do homem

¹Pesquisadora na área de Fotografia, Curadoria e Processos de Criação. Doutoranda em Comunicação, Linguagens e Cultura (PPGCLC-UNAMA), bolsista PROSUP/CAPES, membro no Grupo de Estudos “Arte, Imagem e Cultura” do Projeto de Pesquisa “Arte Contemporânea nos Acervos e Museus Paraenses:1980-2016” (PPGCLC-UNAMA); e colaboradora do Grupo de Pesquisa “Visagem - Antropologia Visual e da Imagem” (PPGSA-UFPA). Professora Adjunta na Universidade Federal do Pará. E-mail: cventurini@ufpa.br.

² Doutorando em Artes pela UFPA. Artista, Professor de Arte/Artes Visuais da SEDUC-PA e Técnico em Gestão Cultural (Artes Visuais) da SECULT-PA. E-mail: nilson98@bol.com.br

³ Graduado e mestre em Filosofia pela UFPA, professor do IFPA - campus Abaetetuba. Como docente, dedica especial atenção à interface filosofia e arte. E-mail: ronneyalano@hotmail.com.



IX FÓRUM BIENAL DE PESQUISA EM ARTE
+ ENCONTRO REGIONAL DA ANPAP
+ JORNADA ARTE EDUCAÇÃO DO PROF-ARTES

**BELÉM
PARÁ
AMAZÔNIA**

com a máquina, levantada por Flusser (2002) que tematiza uma espécie de emancipação do sujeito em relação à máquina.

Destarte, num mundo cada vez mais marcado pela profusão de imagens instantâneas, é que, ancorados neste percurso acerca da luz da imagem e seu ato criador, pretendemos situar a prática de Miguel Chikaoka como artista, fotógrafo e arte-educador, em relatos de experiências de vivências de aprendizado, pautadas no dialogismo, no conhecimento sensível e na autonomia do indivíduo.

Objetiva-se nesta pesquisa, pensar sobre como as práticas e saberes sensoriais dialogam para uma compreensão da fotografia como processo de ensino aprendizagem na oficina "Sentidos do olhar, de olhos vendados" de Miguel Chikaoka.

Metodologia

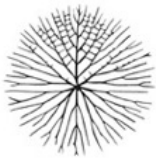
Miguel Chikaoka, além do grande fotógrafo/artista que é, atua como arte-educador no percurso formativo da oficina "Sentidos do olhar: de olhos vendados", que ocorreu de setembro a novembro de 2019 na Galeria Kamara Kó em Belém, Pará. A oficina abordou conhecimentos básicos sobre o processo fotográfico a partir da compreensão da luz como essência, como fenômeno, como "luz do mundo", do conhecimento, entre o ser e o tempo. Um estímulo do exercício de pensamento crítico-criativo sobre o fazer fotográfico. E, para além disso, transitou e produziu deslocamentos entre imagem-ação, sensibilizações e diálogos corpóreos-motores, nos fazendo refletir sobre as possibilidades do processo fotográfico e sobre nossa percepção humana.

Para esta pesquisa, utilizou-se o método descritivo-explicativo por meio das análises dos diários de bordos e de registros fotográficos, além da gravação de áudios reflexivos dos encontros da oficina, seguindo uma abordagem fenomenológica como descreve Merleau-Ponty (1999, p. 1), "a tentativa de uma descrição direta de nossa experiência tal como ela é", desta maneira, possibilitando processos dialógicos e dialéticos voltados a idiosincrasia dos envolvidos.

Resultados e discussão

É importante lembrar que construímos sentido e aprendemos nas interações que mantemos com os outros e com o mundo no qual estamos inseridos. E nessas relações delineadas na oficina, ficou evidenciado que é preciso olhar com outros olhos para a questão da imagem, estabelecendo relações outras, ultrapassando a questão formalista para se aproximar de sua complexidade.

Essa complexidade imagética, nos fez refletir sobre o papel da imagem no contexto educativo. Então questionamos: é possível se relacionar com a imagem enquanto produto didático? Seria adequado pensar as imagens como contribuição pedagógica? Experiências com imagens podem promover a formação humana, artística e estética? Esses e outros questionamentos nos levam a refletir sobre as possíveis relações da



IX FÓRUM BIENAL DE PESQUISA EM ARTE
+ ENCONTRO REGIONAL DA ANPAP
+ JORNADA ARTE EDUCAÇÃO DO PROF-ARTES

**BELÉM
PARÁ
AMAZÔNIA**

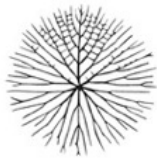
imagem nos mais diversos âmbitos. Haja vista que as imagens são polissêmicas, múltiplas e multifacetadas, assentando-se nos mais variados contextos e se apresentando sob diversificadas formas, desde as imagens naturais e artificiais ou fixas e móveis que se encontram nas ruas e em espaços culturais; até as tecnológicas, fotográficas, íntimas e pessoais que se localizam nas casas ou em outras ambiências.

Nossas relações com as mais diversas imagens podem produzir distintas e variadas experiências. Segundo Dewey (2010, p. 109), “A experiência ocorre continuamente, porque a interação do ser vivo com as condições ambientais está envolvida no próprio processo de viver.” Portanto, acreditamos que nossas vivências durante a oficina foram satisfatórias, as quais consideramos formas privilegiadas de experiências.

Durante as aulas, sempre com um teor investigativo-provocativo-dialógico, destacamos fragmentos de nosso diário de bordo que consideramos relevantes para o desenvolvimento e aguçamento da percepção visual e estética. O que nos despertou o seguinte questionamento: como entender o método empregado por Miguel Chikaoka, na perspectiva da educação estética, no contexto da oficina “Sentidos do olhar - de olhos vendados”, pensando no alargamento e na sensibilização da percepção visual e humana?

Em nosso primeiro encontro, como dinâmica de acolhimento, aproximação e pensar/sentir a luz, a sombra e a imagem em nossas vidas; fomos orientados a utilizar pó de chá preto para preencher integralmente as zonas de sombra de objetos diversos em pequenos formatos, que compunham uma imagem abstrata, e estavam sobre uma folha de papel em branco sendo iluminados por fonte de luz artificial e projetando sombras diversas.

A atividade consistia em um trabalho coletivo/colaborativo, onde cada um tinha que deixar alguma área de sombra para os demais colegas preencherem, podendo ajudar. Sendo que em alguns “lugares” era bem difícil fazer esse preenchimento porque o objeto em questão tinha saliências e reentrâncias internas e externas que dificultavam o processo, além disso estavam próximos demais de outros objetos igualmente complexos em seus formatos. Foi um desafio que nos possibilitou trabalhar em equipe e pensar em termos imagéticos na busca de soluções.



IX FÓRUM BIENAL DE PESQUISA EM ARTE
+ ENCONTRO REGIONAL DA ANPAP
+ JORNADA ARTE EDUCAÇÃO DO PROF-ARTES

**BELÉM
PARÁ
AMAZÔNIA**

Este primeiro relato inicia um pensar sobre as imagens, um olhar para o processo educativo, ao que Miguel Chikaoka nos incita como o grande ponto de tudo, o “*punctum*”, um pensar as imagens antes e depois da captura. Assim, por incontáveis, e imperceptíveis dinâmicas, pode-se dizer, de fato, uma vivência, uma experimentação à flor de todos os nossos sentidos, uma exposição à luz de toda nossa matéria fotosensível; sombra, luz, cor, movimento, um dar vida aos objetos por meio da estética

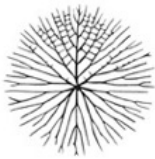


(Figura 1).

Figura 1: sombra ‘japonesa’, Miguel Chikaoka (XXXXX, 2019)

Como uma receita, a qual ingredientes expostos à luz, ao tempo, e ao ambiente, agem sob um processo, uma reação química, Miguel Chikaoka dialoga entre práticas educativas, idiosincrasias, literatura, e filosofia estética, nos receita Manoel de Barros (2000), “O Fotógrafo”:

Difícil fotografar o silêncio.
Entretanto tentei. Eu conto:
Madrugada a minha aldeia estava morta.
Não se ouvia um barulho, ninguém passava entre as casas.
Eu estava saindo de uma festa.
Eram quase quatro da manhã.
Ia o Silêncio pela rua carregando um bêbado.
Preparei minha máquina.
O silêncio era um carregador?
Fotografei esse carregador.
Tive outras visões naquela madrugada.
Preparei minha máquina de novo.
Tinha um perfume de jasmim num beiral de um sobrado.
Fotografei o perfume.
Vi uma lesma pregada mais na existência do que na pedra.
Fotografei a existência dela.
Vi ainda azul-perdão no olho de um mendigo.
Fotografei o perdão.
Vi uma paisagem velha a desabar sobre uma casa.
Fotografei o sobre.
Foi difícil fotografar o sobre.
Por fim cheguei a Nuvem de calça.



**IX FÓRUM BIENAL DE PESQUISA EM ARTE
+ ENCONTRO REGIONAL DA ANPAP
+ JORNADA ARTE EDUCAÇÃO DO PROF-ARTES**

**BELÉM
PARÁ
AMAZÔNIA**

Representou pra mim que ela andava na aldeia de braços com
Maiakovski – seu criador.
Fotografei a Nuvem de calça e o poeta.
Ninguém outro poeta no mundo faria uma roupa mais justa para cobrir
sua noiva.
A foto saiu legal.

A filosofia da fotografia à luz de Miguel Chikaoka, como que trilhas longínquas, está em seu processo de arte-educação, no ato criador, na educação estética do olhar, não de um olhar para as imagens retratadas, refletidas, mas um olhar para a ato contemplador, para o ato fotográfico, para a relação do ser no mundo, do ambiente e de suas possibilidades, no tempo e movimento das coisas.

Conclusões

Ressalta-se que as inter-relações envolvendo imagens e a visualidade, em circunstâncias pedagógicas e/ou arte/educativas, além de educar e gerar experiências estéticas, podem promover a sensibilização e a humanização. Do ponto de vista das aulas de arte/educação, seja no contexto formal ou informal, como numa oficina; essas aulas têm uma responsabilidade ímpar por ter em sua essência o trabalho com o inteligível e com o sensível, além do respeito mútuo pela idiosincrasia dos envolvidos no processo educativo como um todo.

Uma caminhada da imagem latente à imagem visível, à luz da sensibilidade enquanto ato, contínuo, e de sua matéria enquanto potência, transforma o ato criador em nosso contato com o "eu divino", com o nosso imaterial, incorpóreo, inimaginável. Um olhar voltado ao processo, uma busca ao natural, ao orgânico, à natureza e ao tempo de todas as coisas. Um fechar os olhos para ver com os ouvidos, para olhar com a pele, para perceber com o faro, e degustar sensações inebriantes; dinâmicas que conduzem ao aprendizado pela luz enquanto processo, enquanto matéria, enquanto meio, utilizado em toda sua simplicidade e experimentação, por Miguel Chikaoka. Ver, viver, e sentir a luz.

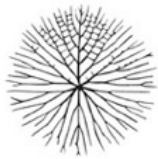
Palavras-chave: Imagem; Estética; Fotografia; Arte-educação.

Agradecimentos

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

Referências Bibliográficas

- BARROS, Manoel de. **Ensaio Fotográficos**. Rio de Janeiro: Record, 2000.
FLUSSER, Vilém. **Filosofia da caixa preta: ensaios para uma futura filosofia da fotografia**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.
DEWEY, John. **Arte como experiência**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.



IX FÓRUM BIENAL DE PESQUISA EM ARTE
+ ENCONTRO REGIONAL DA ANPAP
+ JORNADA ARTE EDUCAÇÃO DO PROF-ARTES

**BELÉM
PARÁ
AMAZÔNIA**

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. Tradução de Carlos Alberto Ribeiro de Moura. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.